

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/dchz1028>

Resenha Crítica *O mestre e o ignorante* de Jacques Rancière

Nelcino Henrique Nascimento Aquino¹

Introdução

“Abaixo aos professores e aos castigos!”
(Jean Vigo)

Em *O Mestre Ignorante*, o filósofo Jacques Rancière propõe uma reflexão disruptiva sobre a filosofia da educação, questionando o modelo hierárquico de ensino ao defender que todos possuem igual capacidade para aprender. Fundamentado na experiência do pedagogo francês Joseph Jacotot (1770 - 1840), o livro levanta um problema que atravessa o tempo: *Qual a finalidade da educação?*

¹ Mestrando em Filosofia pelo PROF-FILO IFSertãoPE, Professor da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. E-mail: outrahistoriasoutras@gmail.com

Entrincheirado neste campo de batalha, o pensamento de Rancière-Jacotot faz frente à barbárie do ensino embrutecedor enquanto defende a posição de uma outra educação para o povo: uma pedagogia emancipadora.

Rancière transforma Joseph Jacotot em personagem filosófico de sua obra, ao narrar a dissonante aventura intelectual desse peculiar pedagogo, no contexto do pós-Revolução Francesa (1789-1799). Em 1818, Jacotot é obrigado a exilar-se nos Países Baixos. Em terras flamencas, o estrangeiro aceita o desafio de ensinar literatura francesa para alunos que desconheciam seu idioma. Por sua vez, ele também ignorava o holandês. *Como então um professor pode explicar algo para quem não é capaz de compreendê-lo?*

Utilizando uma edição bilíngue do *Telêmaco*, Jacotot solicitou que os alunos aprendessem o texto francês, comparando-o com a tradução holandesa. O sucesso inesperado dos estudantes revelou que o aprendizado não depende de um mestre explicador, mas da emancipação intelectual do aprendiz. Essa experiência confrontou o mito da sociedade pedagogizada, em que a desigualdade é perpetuada pela dependência do aluno em relação ao saber do mestre.

Em contraste, Jacotot propôs o Ensino Universal, fundado no princípio de que toda pessoa é dotada de igualdade intelectual. Essa é a ideia radical de que “pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isso é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência” (Rancière, 2023, p.39). O papel do mestre ignorante é instigar em qualquer indivíduo a vontade de exercer sua inteligência de forma autônoma e aprender por si mesmo. A isso dá-se o

nome emancipação. Do contrário: quando o mestre explica, pelo simples fato de julgar o outro como incapaz, acontece o embrutecimento.

A 3ª edição brasileira de *O Mestre Ignorante*, publicada pela Editora Autêntica, em 2023, reafirma a atualidade da obra no contexto político, filosófico e pedagógico da educação. O professor de hoje precisa, mais do que nunca, ruminar o pensamento rebelde de Rancière-Jacotot e a radicalidade de seus aforismos “para que o ato de ensinar jamais perca inteiramente a consciência dos paradoxos que lhe fornecem sentido” (2023, p.12). A igualdade intelectual permanece fundamental e ausente. Atual e intempestiva. Algo a ser conquistado. Dependendo sempre da coragem de indivíduos capazes de inventar formas de verificá-la (Rancière, 2013). Portanto, este ensaio tem como objetivo pensar sobre os impactos das lições do mestre ignorante no *chão da escola*. Em especial, refletir sobre como a leitura deste livro é capaz de subverter princípios e emancipar educadores.

Fundamentação teórica

A epígrafe deste texto faz referência ao motim de estudantes retratado no filme *Zero de Conduta* (Vigo, 1933). Na comédia dramática, os rebeldes declaram guerra ao autoritarismo do sistema educacional e ocupam o prédio do internato. Em seu lugar erguem uma zona livre, igualitária e provisória. A insurreição libertária profetiza o fim do mito pedagógico. “Abaixo aos professores e aos castigos!” – Dizem eles. Ao mestre explicador resta apenas testemunhar sua desconstrução na utopia anárquica dos incapazes.

Por ora, o presságio de Jean Vigo não passa de um delírio fictício de emancipação. As mudanças progressistas do sistema educacional apenas reafirmam e fortalecem o velho mito pedagógico. Essa crença baseia-se na premissa de que todo aprendiz necessita de um mestre explicador para guiá-lo. Rancière (2023) reitera que a explicação é o grande mito da pedagogia. Essa crença parte de uma suposta desigualdade das inteligências e divide o mundo em capazes e incapazes; sábios e ignorantes; inteligentes e fracassados.

Já não é a palmatória que ameaça o jovem entediado preso em um cubículo, senão o medo de não compreender a explicação do professor e permanecer incapaz. A incapacidade é sinônimo de fracasso, ao passo que o progresso justifica a miséria do povo com base na desigualdade das inteligências. O mestre já não precisa obrigar o aluno rebelde a ajoelhar-se no milho. Basta submetê-lo ao cadafalso da hierarquia intelectual. A sociedade pedagogizada mantém os professores e os castigos a fim de explicar e conservar a sua ordem social.

Frente a isso, cabe destacar que *O Mestre Ignorante* não se destina a encorajar insurreições anárquicas ou qualquer revolução social contra o sistema de ensino. As lições de Joseph Jacotot buscam simplesmente emancipar o humano, ou seja, devolver a ele a igualdade intelectual que a sociedade pedagogizada lhe usurpou. Nem partidos, nem sindicatos, nem assembleias; apenas o próprio indivíduo pode emancipar-se. E anunciando a conquista de sua autonomia com uma bênção, pode emancipar outros iguais. Por outro lado, é certo que revoltas e revoluções começam a partir de sujeitos autônomos, mas reitera-se que essa não é a finalidade

do mestre ignorante. Jacotot desenvolveu seus princípios radicais voltados sobretudo para a educação dos mais pobres, propondo assim uma pedagogia emancipadora para o povo.

A ruptura pedagógica do mestre ignorante busca em especial a emancipação dos mais pobres, visto que a discriminação da desigualdade intelectual age com maior brutalidade sobre eles. Contudo, é preciso reforçar que “o que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência” (Rancière, 2023, p.71). A graça de Jacotot é anunciar que os mais pobres podem tudo que o ser humano é capaz. Sua preocupação não é que eles se tornem sábios, senão que se ergam do fundo do poço da hierarquia intelectual no qual foram abandonados. Que cada pai e cada mãe de família se emancipe, e igualmente emancipem-se os filhos e filhas do povo. Pois a maior dignidade do espírito humano é poder medir suas próprias capacidades e decidir como e quando utilizá-las.

A emancipação intelectual parte do axioma da igualdade, isto é, de que todos os seres humanos têm a mesma capacidade intelectual e, portanto, são igualmente capazes de aprender e ensinar. No exílio, o acaso de Jacotot demonstrou que as pessoas podem aprender por si mesmas, sem depender da explicação de um mestre. O processo de aprendizagem ocorre pela observação, repetição e comparação, com base em uma curiosidade natural e no esforço intelectual. Em suma: “o homem é uma vontade servida por uma inteligência” (Rancière, 2023, p.87).

Apesar disso, o mito pedagógico convenceu a todos de que o natural é que a distância que separa o aluno e o objeto

do conhecimento seja reduzida apenas pela explicação do mestre. Rancière (2023) afirma que o embrutecimento pedagógico é justamente essa distância imaginária entre o aprendiz e o saber. Nesse método fúnebre, o mestre explicador é o único considerado capaz de julgar se o aluno compreendeu ou não a explicação. Por conseguinte, compreender significa que quem compreende nada compreenderá sem a explicação do mestre. Esse ciclo eterno de impotência é a própria morte da emancipação.

Subvertendo essa lógica embrutecedora, o mestre ignorante deve ensinar aos alunos que nada tem a lhes ensinar. Cada um deve aprender por si próprio, cabendo ao mestre apenas verificar a igualdade e a busca do aprendiz. Esse paradoxo sustenta-se na ideia de que a inteligência é comum em todos os atos do espírito humano. Portanto, o sujeito deve aprender qualquer coisa e relacioná-la com todo o resto. Este é o princípio fundamental do Ensino Universal (Rancière, 2023). Esse estranho paradoxo é o método mais antigo de todos. E reafirma-se cotidianamente, afinal: *Quem nunca aprendeu algo por si mesmo, sem a necessidade de um mestre explicador?*

Cada um carrega dentro de si uma vastidão de saberes, basta relacioná-los com todo o resto. O Ensino Universal se funda nisso. Não existe um método do mestre ignorante, senão o do próprio aluno. O aprendiz parte de uma curiosidade rebelde e declara a busca pelo conhecimento como uma aventura. É essa inteligência anárquica que assume o risco de imitar, questionar, improvisar, pesquisar, comparar, criar hipóteses, verificar, errar, relatar e repetir todo o processo *ad infinitum*. O Ensino Universal não é uma estrada pavimentada,

senão o caminho que amiúde o próprio andarilho constrói debaixo de seus pés. E se por descuido o passo é dado onde ainda não existe um chão, aprende-se com a queda. O ignorante é aquele que ri de si mesmo. E segue em frente. É tão arriscado quanto aprender sozinho a andar de bicicleta. E ao mesmo tempo belo, feito uma criança que começa a assobiar arremedando o canto dos pássaros.

Vale mencionar aqui a estranha história de um camelô analfabeto do agreste pernambucano que vendia *sulanca* - quer dizer, roupa barata - no interior da Bahia. Curiosamente, o homem aprendeu a ler sozinho, comparando letras em placas de trânsito. Sua vontade originou-se de um acaso. Após ignorar um letreiro que informava sobre a manutenção da rodovia, envolveu-se em um grave acidente. Depois do trauma, o sobrevivente pelejou para aprender a ler de um jeito lógico, sem mestres explicadores. Partindo daquilo que já conhecia e relacionando com o todo o resto. O ambulante já sabia, por exemplo, pronunciar o nome das cidades que visitava para vender na feira. Então, sempre que chegava próximo do seu destino e avistava uma placa de trânsito verde com uma palavra e um número, traduzia como a forma escrita do nome daquele lugar e sua respectiva distância. Com o tempo, de tanto imitar as palavras e repeti-las, não apenas as memorizou como também as decompôs em sílabas e recompôs em outras palavras. Improvisar é a virtude poética do Ensino Universal. Assim o homem aprendeu a ler o necessário para viver na estrada.

O pensamento de Rancière-Jacotot defende que o homem do povo desenvolve sua capacidade intelectual

Re(senhas)

conforme a necessidade e as circunstâncias exigem. Porém, observa-se que quando “a necessidade cessa, a inteligência repousa, a menos que uma vontade mais forte se faça ouvir e diga: continua; vê o que fizeste e o que podes fazer se aplicares a mesma inteligência que já empregaste” (Rancière, 2023, p.87). Nesse momento, eis que surge o mestre emancipador a fim de catalisar a vontade do aprendiz de seguir por si mesmo e emancipar-se.

Por outro lado, Jacotot demonstra um pessimismo anárquico no que diz respeito à institucionalização de suas lições pedagógicas. Para ele, jamais uma escola emancipará sequer um sujeito. Apenas uma pessoa pode emancipar outra. Tampouco o mestre ignorante deve preocupar-se em propor soluções para os graves problemas da educação. O sistema de ensino é incompatível com o Ensino Universal. Por isso não há um método Jacotot. Se existisse, estaria condenado ao fracasso. A educação institucional não está comprometida apenas em explicar a sociedade desigual. O mito pedagógico é a própria encenação da desigualdade.

Em entrevista publicada no Brasil, em 2003, Rancière comentou que a atualidade educacional do mestre ignorante “é lembrar que a hora é sempre essa, que a hora da emancipação é agora, que sempre há a possibilidade de afirmar uma razão que não é a razão dominante, uma lógica de pensamento que não é a lógica da desigualdade” (Vermeren; Cornu; Benvenuto, 2003, p. 17). Na ocasião, Rancière também alertou que não se deve confundir a função de emancipador com a função social do professor. Mas reforçou que o mestre sempre pode em sua prática anunciar a

emancipação, a igualdade intelectual, e estimular o exercício da igualdade entre os alunos.

Para o professor Walter Kohan, “o que está em jogo, quando se lê *O mestre ignorante*, é o próprio sentido que assume para nós, que trabalhamos em educação, o exercício do pensamento” (2003, p. 3). Para ele, a experiência revolucionária de Joseph Jacotot faz todo professor refletir sobre o que faz consigo e com os outros sempre que se veste de mestre e entra em uma sala de aula. Assim, torna-se impossível que o mestre explicador continue pensando a educação da forma como pensava e que continue ensinando da forma como ensinava. Porém, essa disruptura não deve tornar-se um novo método. Ao contrário, ela traz problemas que apenas a inteligência do próprio educador pode buscar solucionar. Sua leitura é, portanto, um exercício emancipatório. Deve então o mestre emancipar-se. E anunciar aos seus alunos a bênção da emancipação.

Por fim, retornando ao delírio anárquico de Jean Vigo: na sequência final de *Zero de Conduta*, quatro estudantes sobem ao topo da escola e celebram empunhando uma bandeira pirata. É o clímax dessa poética insurreição dos iguais. Livres, eles caminham sobre o telhado do internato. Agora, estão prontos para levantar voo. E o filme chega ao fim. Por conseguinte, fica a reflexão de que a coragem do mestre, que presencia perplexo o inesperado, não é de opor-se à insurreição. Mas sim apoiá-la. Declarar greve contra toda forma de explicação. Fazer-se, pois, ignorante. *Mas deveria o mestre ignorante ao menos explicar aos rebeldes os efeitos inexoráveis*

da lei da gravidade? Não! Apenas deixai seguir. Cair, inevitavelmente, faz parte da emancipação.

Metodologia

Esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, com base em uma revisão bibliográfica do livro *O Mestre Ignorante*, de Jacques Rancière, analisando conceitos centrais, como "emancipação intelectual", "embrutecimento" e o "axioma da igualdade". Essa análise permitiu compreender as bases teóricas e filosóficas que sustentam o pensamento de Joseph Jacotot e sua pedagogia emancipadora. Por fim, foi realizada uma interpretação crítica dos conceitos analisados, buscando aplicá-los ao contexto escolar contemporâneo. Essa etapa incluiu reflexões sobre o impacto das lições do mestre ignorante no pensamento e na prática docente.

Resultados e Discussão

Refletindo sobre o livro *O Mestre Ignorante* notou-se que suas lições de emancipação são incompatíveis com o mito pedagógico que sustenta o sistema de ensino. *A escola estaria então condenada a ser sempre um lugar de embrutecimento?* Diante dessa questão, recorda-se que Jacotot (2023) afirmou que diante da impossibilidade de expressarmos a verdade, mesmo quando a sentimos, podemos falar como poetas. Cabe aqui apropriar-se deste recurso linguístico.

Por acaso, a vivência no *chão da escola* pode assumir uma outra função frente à urgência de romper com a lógica da desigualdade, nem que seja uma experiência singular e provisória. Arrisca-se agora a pensar brevemente sobre a

escola como um devir-ruína, melhor dizendo, um lugar capaz de abrigar o abandono. O poeta Manoel de Barros contou que “o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também [...] de uma criança presa num cubículo” (2010, p. 385). Talvez a escola consiga tornar-se uma ruína: algo capaz de abrigar o abandono desse homem debaixo da ponte; que não é apenas um homem debaixo da ponte, senão uma metáfora para descrever aquele que se recusa a atravessar uma distância imaginária, inventada apenas para separar a ignorância do homem e o conhecimento dos sábios. E quem sabe tornar-se igualmente um lugar para abrigar a revolta de uma criança presa em um cubículo, cansada de ouvir explicações para perguntas que jamais foram feitas. Um lugar para abrigar o abandono dos que foram julgados como intelectualmente incapazes e derrubados na lama da hierarquia das inteligências. Um lugar capaz de estimulá-los a erguerem-se e tomarem de volta a igualdade intelectual que lhes foi negada. Porventura, assim, a emancipação “renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo” (2010, p. 385).

Por outro lado, é necessário ainda pensar sobre o medo que tem o mestre explicador de tornar-se obsoleto, ultrapassado, abandonado em um canto escuro da sala de aula, sem qualquer propósito de existir. Inútil feito uma ponte quebrada ou uma rua sem saída. É preciso pensar sobre o seu medo de tornar-se inofensivo como um cão que perdeu os dentes e ninguém mais respeita quando late. O professor compreendeu que seu destino é explicar, com a autoridade de um sol que clareia. Para ele, emancipar é tão perigoso como

Re(senhas)

perder o próprio chão debaixo dos pés. E por mais bonito que seja, é preciso coragem para atirar-se no abismo.

Walter Kohan (2003) sintetizou três lições filosóficas a partir da obra *O Mestre Ignorante*. A primeira lição revela que o mito pedagógico aceito como natural no sistema escolar, é filosoficamente o método mais problemático e contraditório de ensino. A segunda lição aponta o caráter paradoxal da educação: melhor ensina quem não tem nada a ensinar. O mestre não deve transmitir seu conhecimento, mas criar condições para que o outro se emancipe, reconhecendo a igualdade de inteligências e a capacidade de cada um de aprender por si mesmo. Por fim, a terceira lição destaca que a única educação significativa é a que emancipa sem impor. Basta o mestre emancipar-se, e anunciar a bênção aos seus iguais. Pois ninguém pode emancipar o outro; a emancipação é uma escolha individual.

Se a leitura dessas lições não for capaz de romper com a lógica da sociedade pedagogizada e catalisar uma ruptura no pensamento e na prática do mestre explicador, significa então que talvez a emancipação não possa ser explicada, senão vivenciada. Rancière diz que: “Este discurso, um homem pode, com muita dificuldade, compreendê-lo; mas nenhuma capacidade jamais o entenderá. Joseph Jacotot, ele próprio, nunca não o teria escutado sem o acaso que o fizera mestre ignorante” (2023, p. 193). E conclui que: “Somente o acaso é forte o suficiente para derrubar a crença instituída, encarnada, na desigualdade” (2023, p.193).

Seria político e poético. Quiçá, até pedagógico: ver um professor liberto de seu *Karma* vingar-se do sistema escolar

pichando de preto fosco as paredes cinzentas dos prédios colegiais com a última lição de Jacotot: “Creio que Deus criou a alma humana capaz de se instruir por si própria, e sem mestres” (Rancière, 2002, p. 201). Mas tal subversão, talvez, conduziria ao erro de profanar o epitáfio do mestre ignorante. Já que o método emancipador não é nem método nem mote para insurreições.

Cada mestre, então, deveria apenas calar, quer dizer, parar de explicar uma pergunta que não foi feita por ninguém. O mestre deveria meditar no silêncio. E quando o acaso chegar, verificar na solidão de sua sala de aula o caminho que se inicia a partir da igualdade. O deserto que cada um, inclusive ele, atravessa só. Finalmente, deve emancipar-se e quando necessário fazer-se ignorante. Não mais se apegar ao destino do aprendiz. Aliás, deixá-lo seguir com sua própria inteligência. Emancipando sem emancipar.

Conclusão

Rancière conclui sua obra afirmando que o Ensino Universal não vencerá na sociedade, mas também não morrerá jamais no espírito humano. Não vencerá: pois tal proeza representaria trair a si mesmo e institucionalizar-se como método de manutenção das desigualdades. Mas também não morrerá: pois trata-se do caminho natural da aprendizagem humana. Não vencer e não morrer é o propósito da resistência. Cabe então compreender a filosofia da educação como um território em disputa, onde o mestre ignorante permanece entrincheirado.

Este trabalho limitou-se a pensar sobre os impactos do Ensino Universal no âmbito escolar, imaginando a escola não

apenas como pódio para classificar sujeitos em uma sociedade desigual. Mas também como uma ruptura pedagógica capaz de acolher e erguer aqueles que se curvaram diante de uma suposta hierarquia das inteligências. Refletiu também acerca de como as lições do mestre ignorante e o acaso pedagógico podem emancipar professores intelectualmente iguais. Resta agora investigar como essa igualdade relaciona-se na prática com a emancipação dos alunos.

Palavras-chave

O Mestre Ignorante; Jacotot; Rancière; Emancipação; Igualdade Intelectual

Bibliografia

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

KOHAN, Walter Omar. **Três lições de filosofia da educação**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 82, p. 221-228, abr. 2003. Dossiê: Igualdade e liberdade em educação. A propósito de O mestre ignorante. Organizadores: Jorge Larrosa e Walter Kohan.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. (Série: Educação. Experiência e sentido).

VERMEREN, Patrice; CORNU, Laurence; BENVENUTO, Andrea. **Atualidade de O mestre ignorante**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 82, p. 185-202, abr. 2003. Dossiê: Igualdade e liberdade em educação. A propósito de O mestre ignorante. Organizadores: Jorge Larrosa e Walter Kohan.

ZERO DE CONDUTA. Direção: Jean Vigo. França: Argui-Films, 1933.

Re(senhas)



Submetido em Janeiro de 2025

Aprovado em Fevereiro de 2025

Re(senhas)

